

TRADUÇÃO

O Sepulcro de Dom Quixote

Miguel de **UNAMUNO**

Tradução de
Eivelto da R. Carvalho

Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936) publicou originalmente El Sepulcro de Don Quijote como ensaio na revista La España Moderna, no ano de 1906. Em 1914, a versão definitiva do texto seria incorporada como prólogo à segunda edição de Vida de Don Quijote y Sancho. Traduzimos aqui desde essa segunda versão, publicada pela Alianza Editorial (1987). [N. do T.]

Artigo recebido em 00/0/2014
Artigo aprovado em 00/0/2014

Resumo

Texto publicado em 1914 como prólogo à segunda edição de *Vida de Don Quijote y Sancho*, passando a fazer parte desta obra desde então. Há uma primeira versão do mesmo datada de 1906, publicada como ensaio na revista *La España Moderna*. A metáfora do sepulcro e a figura do *Quijote* servem como chaves interpretativas de uma série de paradoxos relacionando vida-morte, Deus-homem, tempo e imortalidade.

Palavras-chave: sepulcro, Dom *Quijote*, vida, Deus, imortalidade.

Resumen

Texto publicado el 1914 como prólogo a la segunda edición de la *Vida de Don Quijote y Sancho*, formando parte de esta obra a partir de entonces. Hay una primera versión del mismo con fecha de 1906, publicada como ensayo en la revista *La España Moderna*. La metáfora del sepulcro y la figura del *Quijote* sirven como claves interpretativas de una serie de paradojas que relacionan vida-muerte, Deus-hombre, tiempo y eternidad.

Palabras-Clave: sepulcro, Don *Quijote*, vida, Dios, inmortalidad.

Você me pergunta, meu bom amigo, se sei a forma de desencadear um delírio, uma vertigem, uma loucura qualquer sobre estas pobres multidões ordeiras e tranquilas que nascem, comem, dormem, se reproduzem e morrem. Não haverá um meio, você me pergunta, de reproduzir a epidemia dos flagelantes ou a dos convulsionários? E você me fala do milenário.

Como você¹, sinto com frequência a nostalgia da Idade Média; como você, gostaria de viver entre os espasmos do milenário. Se conseguíssemos fazer crer que num dado dia, seja o 2 de maio de 1908, o centenário do grito de independência, a Espanha se acabaria para sempre; que nesse dia nos repartiriam como cordeiros, creio que o dia 3 de maio de 1908 seria o maior dia da nossa história, o amanhecer de uma nova vida.

Isso é uma miséria, uma completa miséria. Ninguém se importa com nada de nada. E quando alguém trata de levantar isoladamente este ou aquele problema, uma ou outra questão, isso é atribuído ao interesse próprio ou afã de notoriedade e ânsia de se diferenciar.

Aqui não se compreende já nem a loucura. Até no louco creem e dizem que o será por sua conta e razão. Aquilo da razão da sem-razão é já fato para todos esses miseráveis. Se nosso Senhor Dom Quixote ressuscitasse e voltasse a esta sua Espanha, andariam buscando uma segunda intenção nos seus nobres desvarios. Se alguém denuncia um abuso, persegue a injustiça, fustiga a vulgaridade, logo os escravos se perguntam: o que está buscando com

1 | A opção pelo “você” ao invés do “tu” (escolha que remeteria ao tú do original em espanhol) visa aproximar a tradução do coloquial brasileiro, buscando assim destacar a singular relação entre o Eu e o Tu do discurso unamuniano, em sintonia com a leitura que Ricardo Gullón faz dele na introdução da edição que usamos aqui como referência. (N. do T.)

isso? O que almeja? Algumas vezes creem nesse alguém e dizem que o faz para que tapem sua boca com ouro; outras que é por ter sentimentos ruins ou baixas paixões, por vingativo ou invejoso; outras que é só para fazer barulho e para que se fale dele, por vangloriar-se; outras que o faz para se divertir e passar o tempo, por esporte. Lástima que tão poucos se interessem por esportes semelhantes!

Mire e veja. Diante de um ato qualquer de generosidade, de heroísmo, de loucura, todos estes estúpidos bacharéis, padres e barbeiros de hoje não se lhes ocorre senão perguntar: Por que o fará? E quando creem haver descoberto a razão do ato – seja ou não a que eles supõem – dizem: bah!, fez por isto ou aquilo. Quando uma coisa tem razão de ser e eles a conhecem, perdeu todo valor a coisa. Para isso lhes serve a lógica, a porca lógica.

Compreender é perdoar, já se disse. E esses miseráveis necessitam compreender para perdoar que se lhes humilhe, que com fatos ou palavras se lhes jogue na cara sua miséria, sem lhes falar dela.

Chegaram até a se perguntar estupidamente para que Deus fez o mundo, e responderam a si mesmos: para sua glória!, e ficaram cheios de si e satisfeitos, como se os tão néscios soubessem o que é isso da glória de Deus.

As coisas se fizeram primeiro, seu para quê depois. Que me deem uma ideia nova, qualquer uma, sobre qualquer coisa, e ela me dirá para quê serve.

De vez em quando, quando exponho algum projeto, algo que me parece que se deveria fazer, não falta quem me pergunte: E depois? A estas perguntas não cabe outra resposta que uma pergunta, e ao <<e depois?>> não há mais do que dar por tabela um <<e antes?>>.

Não há porvir; nunca há porvir. Isso que chamam de porvir é uma das maiores mentiras. O verdadeiro porvir é hoje. O quê será de nós amanhã? Não há amanhã! O que é de nós hoje, agora? Esta é a única questão.

E quanto à hoje, todos esses miseráveis estão muito satisfeitos porque hoje existem, e com existir lhes basta. A existência, a pura e nua existência, preenche toda sua alma. Não sentem que haja mais que existir.

Mas, existem? Existem de verdade? Eu creio que não; pois se existissem, se existissem de verdade, sofreriam por existir e não se contentariam com isso. Se existissem real e verdadeiramente no tempo e no espaço, sofreriam por não ser no eterno e no infinito. E este sofrimento, esta paixão, que não é outra coisa que a paixão de Deus em nós, Deus, que em nós sofre por sentir-se preso em nossa finitude e nossa temporalidade, este divino sofrimento os faria romper com todas essas covardes correntes lógicas com as quais tratam de prender suas covardes lembranças às suas covardes esperanças, a ilusão de seu passado à ilusão de seu porvir.

Por que faz isso? Por acaso Sancho perguntou alguma vez por que Dom Quixote fazia as coisas que fazia?

E voltamos ao mesmo, à tua pergunta, à tua preocupação: que loucura coletiva poderíamos embutir nessas pobres multidões? Que delírio?

Você mesmo se aproximou à solução em uma dessas cartas em que me acometes com perguntas. Nela me dizias: Você não acha que se poderia tentar alguma nova cruzada?

Pois bem, sim; creio que se pode tentar a santa cruzada de ir resgatar o sepulcro de Dom Quixote do poder dos bacharéis, padres, barbeiros, duques e cônegos que o ocupam. Creio que se pode tentar a santa cruzada de ir resgatar o sepulcro do Cavaleiro da Loucura do poder dos fidalgos da Razão.

Defenderão, é natural, sua usurpação e tratarão de provar com muitas e muito estudadas razões que a guarda e custódia do sepulcro lhes corresponde. O guardam para que o Cavaleiro não ressuscite.

É preciso contestar essas razões com insultos, com pedradas, com gritos de paixão, a golpes de lança. Não se pode argumentar com eles. Se você trata de argumentar diante de suas razões, está perdido.

Se te perguntam, como costumam, com que direito reclamas o sepulcro?, não lhes responda nada, que já o verão logo. Logo..., talvez quando nem você nem eles existam mais, pelo menos neste mundo das aparências.

E ali onde está o sepulcro, ali onde está o berço, ali está o ninho. E dali voltará a surgir a estrela refulgente e sonora, caminho do céu.

E não me pergunte mais, querido amigo. Quando você me faz falar dessas coisas você me faz arrancar do fundo de minha alma, dolorida pela vulgaridade ambiente que por todas as partes me acoisa e me oprime, dolorida pelas pitadas do lodo de mentira em que chafurdamos, dolorida pelos arranhões da covardia que nos envolve, você me faz arrancar do fundo da minha alma dolorida as visões sem razão, os conceitos sem lógica, as coisas que nem eu sei o que querem dizer, muito menos quero me por a averiguar.

O que você quer dizer com isso? Você me pergunta mais de uma vez. E eu te respondo: sei lá por acaso?

Não, meu bom amigo, não! Muitas destas ocorrências de meu espírito que te confio, nem eu sei o que querem dizer, ou, pelo menos, sou eu quem não sei. Há alguém dentro de mim que me as dita, que me diz as mesmas. Obedeço-lhe e não me meto a ver-lhe a cara, nem lhe pergunto por seu nome. Só sei que se lhe visse a cara e se me dissesse o seu nome eu morreria para que ele vivesse.

Estou envergonhado de já haver fingido entes de ficção, personagens novelescos, para por em seus lábios o que não me atrevia a por nos meus e fazê-los dizer como se fosse de brincadeira o que sinto muito seriamente.

Você me conhece, você, e você sabe bem quão longe estou de rebuscar adrede paradoxos, extravagancias e raridades, pensem o que pensarem alguns néscios. Você e eu, meu bom amigo, meu único amigo absoluto, temos falado muitas vezes do que é a loucura, e comentamos aquilo do *Brand* ibseniano, filho de Kierkegaard, de que está louco aquele que está só. E concordamos que uma loucura qualquer deixa de sê-lo quando se faz coletiva, no

momento em que é loucura de todo um povo, de todo o gênero humano talvez. Quando uma alucinação se faz coletiva, se faz popular, se faz social, deixa de ser alucinação para se converter numa realidade, em algo que está fora de cada um dos que a compartilham. E você e eu estamos de acordo em que é preciso levar às multidões, levar ao povo, levar ao nosso povo espanhol uma loucura qualquer, a loucura de qualquer um de seus membros que esteja louco, mas louco de verdade e não de mentirinha. Louco, e não idiota.

Você e eu, meu bom amigo, nos escandalizamos diante disso que chamam aqui de fanatismo, e que, por desgraça, não o é. Não; não é fanatismo nada que esteja regulamentado e contido e tramitado e conduzido por bacharéis, padres, barbeiros, cônegos, e duques; não é fanatismo nada que carregue um brasão com fórmulas lógicas, nada que tenha programa, nada que se proponha para amanhã um propósito que um orador pode expor num metódico discurso.

Uma vez, você se lembra?, vimos oito ou dez moços se reunirem e seguir a um que lhes dizia: Vamos fazer uma barbaridade! E isso é o que você e eu esperamos: que o povo se junte e gritando vamos fazer uma barbaridade! ponha-se em marcha. E se algum bacharel, algum barbeiro, algum padre, algum cônego, ou algum duque lhes detivesse para dizer:

Meus filhos!, tudo bem, os vejo repletos de heroísmo, repletos de santa indignação; também vou com vocês, mas antes de irem, e eu com vocês, a fazer essa barbaridade, não lhes parece que devíamos nos colocarmos de acordo a respeito da barbaridade que vamos fazer? Que barbaridade vai ser essa?;

se algum desses velhacos que mencionei lhes detivessem para dizer tal coisa, deveriam derubá-lo no mesmo momento e passar todos por cima dele, pisoteando-lhe, e então começava a heroica barbaridade.

Você não acha, meu amigo, que há por aqui muitas almas solitárias cujo coração pede alguma barbaridade, algo para que arrebetem? Veja, pois, a ver se você consegue juntá-las e formar um esquadrão com elas e nos metermos todos em marcha –porque eu irei com eles e atrás de você – a resgatar o sepulcro de Dom Quixote, que, graças a Deus, não sabemos onde está. Já nos dirá a estrela refulgente e sonora.

E não será – você me fala em tuas horas de desalento, quando você se vai de ti mesmo – não será que achando caminhar por campos e terra ao nos metermos em marcha, que estamos dando voltas em torno do mesmo lugar? Então a estrela vai estar fixa, quieta sobre nossas cabeças e o sepulcro em nós. E então a estrela cairá, mas cairá para vir a se enterrar em nossas almas. E nossas almas se converterão em luz, e fundidas todas na estrela refulgente e sonora esta subirá, mais refulgente ainda, convertida num sol, num sol de eterna melodia, a iluminar o céu da pátria redimida.

Em marcha, pois. E tem em conta que não se metam no sagrado esquadrão dos

cruzados bacharéis, barbeiros, padres, cônegos ou duques disfarçados de Sanchos. Não importa que te peçam ilhas; o que você deve fazer é expulsá-los assim que te peçam o itinerário da marcha, assim que te falem do programa, assim que te peçam ao ouvido, maliciosamente, que você os diga onde está o sepulcro. Segue a estrela. E faça como o Cavaleiro: emenda o feitiço que se apresente diante de ti. Agora o de agora e aqui o de aqui.

Em marcha! Aonde vão? A estrela dirá: ao sepulcro! O que vamos fazer no caminho enquanto marchamos? O quê? Lutar! Lutar, e como?

Como? Tropeçais com um que mente? Gritar-lhe na cara: mentira! E adiante! Tropeçais com um que rouba? Gritar-lhe: ladrão! e adiante! Tropeçais com um que diz bobagens, ouvido por toda uma multidão com boca aberta? Gritar-lhes: estúpidos! e adiante! Adiante sempre!

E é que com isso – me diz alguém a quem você conhece e que deseja ser cruzado – com isso se apaga a mentira, a roubalheira, a idiotice do mundo? Quem disse que não? A mais miserável de todas as misérias, a mais repugnante e pestilenta argúcia da covardia é essa de dizer que não adianta nada denunciar um ladrão porque outros seguirão roubando, que nada adianta em dizer na cara néscio ao néscio, porque não por isso as idiotices diminuirão no mundo.

Sim, é preciso repetir mil e uma vezes: com que uma vez, só uma vez, se acabasse total e para sempre com um só embusteiro o embuste se acabaria para sempre.

Em marcha, então! E expulsa do sagrado esquadrão a todos que comecem a estudar o passo a meter em marcha e seu compasso e seu ritmo! Transformarão o esquadrão em quadrilha de baile e a marcha em dança. Fora com eles! Vão cantar a carne em outra parte!

Esses que tratariam de transformar o esquadrão de marcha em quadrilha de baile chamam a si mesmos, e uns aos outros entre si, poetas. Não o são. São qualquer outra coisa. Esses não vão ao sepulcro a não ser por curiosidade, para ver como é, em busca talvez de uma sensação nova, e para se divertir no caminho. Fora com eles!

Esses são os que com sua indulgência de boêmios contribuem a manter a covardia e a mentira e as misérias que nos rebaixam. Quando predicam a liberdade não pensam em mais que uma: a de dispor da mulher do próximo. Tudo neles é sensualidade, e até das ideias, das grandes ideias, se apaixonam sensualmente. São incapazes de se casar com uma grande e pura ideia e fazer família dela; não fazem senão se amancebar com elas. As tomam por queridas, talvez menos, por companheiras de uma noite. Fora com eles!

Se alguém quer colher tal ou qual florzinha que à beira do caminho lhe sorri, que a colha, mas de passagem, sem se deter, e siga o esquadrão, cujo alferes não deixará de tirar o olho da estrela refulgente e sonora. E se põe a florzinha no peito sobre a couraça, não para vê-la, senão para que a vejam, fora com ele! Que vá bailar em outra parte com sua flor no olhar!

Mire, amigo, se você quer cumprir sua missão e servir a sua pátria, é preciso ser odioso aos rapazes sensíveis que só veem o universo através dos olhos da sua namorada.

Ou pior ainda. Que suas palavras sejam estridentes e ásperas aos seus ouvidos.

O esquadrão não deve se deter a não ser à noite perto do bosque ou ao abrigo da montanha. Levantará ali suas tendas, lavarão seus pés os cruzados, jantarão o que suas mulheres tiverem preparado, logo engendrarão um filho nelas, lhes darão um beijo e dormirão para recomeçar a marcha no dia seguinte. E quando um deles morrer o deixarão à beira do caminho, amortalhado com sua armadura, a mercê dos corvos. Fique para os mortos o cuidado de enterrar seus mortos.

Se durante a marcha algum deles tentar tocar pífano ou gaita ou charamela ou viola ou o que for, arrebente-lhe o instrumento e expulse-o das filas, porque impede que os demais ouçam o canto da estrela. E é que, ademais, ele não a escuta. E quem não ouve o canto do céu não deve ir em busca do sepulcro do Cavaleiro.

Falarão contigo esses dançantes de poesia. Não lhes faça caso. Aquele que se põe a tocar sua siringe— que não é outra coisa que a <<syringe>>²— debaixo do céu, sem ouvir a música das esferas, não merece que se lhe escute. Não conhece a abismática poesia do fanatismo, não conhece a imensa poesia dos templos vazios, sem luzes, nem dourados, sem imagens, sem pompas, sem armas, sem nada disso que se chama arte. Quatro paredes lisas e um teto de madeira: um teatrão qualquer.

Expulsa do esquadrão a todos os dançantes da siringe. Expulse-os antes que te apareçam por um prato de feijão. São filósofos cínicos, indulgentes, bom rapazes, dos que tudo compreendem e tudo perdoam. E aquele que tudo compreende não compreende nada, e aquele que tudo perdoa não perdoa nada. Não têm escrúpulos em se vender. Como vivem em dois mundos podem guardar a sua liberdade no outro e se escravizar neste. São ao mesmo tempo estetas e perezistas ou lopezistas ou rodriguezistas³.

Há tempos já se disse que a fome e o amor são as duas molas da vida humana. Da baixa vida humana, da vida da terra. Os dançantes não dançam senão por fome ou por amor; fome de carne, amor de carne também. Expulse-lhes de teu esquadrão e que ali, em um prado, se fartem em bailar enquanto um toca a siringe, outro bate palminhas e outro canta a um prato de feijão ou às coxas de sua querida da temporada. E que ali inventem novas piruetas, novos trançados de pés, novas figuras de rigodão.

E se algum deles vier dizendo que sabe construir pontes e que talvez chegue a ocasião de aproveitar os seus conhecimentos para atravessar um rio, fora com ele!, fora o engenheiro! Os rios se atravessarão vadeando-os, ou a nado, ainda que se afoguem metade dos cruzados. Que o engenheiro vá construir pontes em outra parte, onde fazem muita falta. Para ir à busca do sepulcro basta a fé como ponte.

Se você quiser, meu bom amigo, preencher tua vocação devidamente, desconfia da arte, desconfia da ciência, pelo menos disso que chamam de arte e ciência e que não são senão mesquinhos arremedos da ciência e da arte verdadeiros. Que tua fé te baste. Tua fé será tua arte, tua fé será tua ciência.

2 | Termo latino originado do grego *syrinx*, que no texto original aparece primeiro como *jeringa* (espanhol) e *syringa* (latim). A siringe é a flauta de Pã, instrumento musical também conhecido na Espanha como *zampoña*. Na América do Sul há instrumentos semelhantes que levam os nomes de *antara* (quechua), *siku* (aimará) e *rondador* (espanhol). (N. do T.)

3 | A profusão de adjetivos nessa passagem dá ideia do ambiente de polêmica que opunha as diversas correntes de opinião sobre a vida artística e intelectual espanhola na primeira metade do século XX. (N. do T.)

Mais de uma vez duvidei de que você possa cumprir com tua obra ao notar o cuidado que colocas em escrever as cartas que você escreve. Há nelas, não poucas vezes, rasuras, emendas, correções, borrões. Não é uma fonte que brota violentamente, rompendo represas. Mais de uma vez tuas cartas degeneram em literatura, nessa porca literatura, aliada natural de todas as escravidões e todas as misérias. Os escravizadores sabem bem que enquanto o escravo canta à liberdade se consola com sua escravidão e não pensar em partir suas correntes.

Mas outras vezes recobro fé e esperança em você quando sinto debaixo de tuas palavras atropeladas, improvisadas, cacofônicas, o tremer de tua voz dominada pela febre. Há ocasiões em que é possível dizer que nem estão numa linguagem determinada. Que cada um a traduza à sua.

Que vivas em contínua vertigem passional, dominado por uma paixão qualquer. Só os apaixonados levam a cabo obras verdadeiramente duradouras e fecundas. Quando você ouvir de alguém que é impecável, em qualquer dos sentidos desta estúpida palavra, fuja dele; principalmente se é artista. Assim como o homem mais idiota é o que em sua vida não há dito nenhuma idiotice, o artista menos poeta, o mais antipoético – entre os artistas abundam as naturezas antipoéticas – é o artista impecável, o artista a quem decoram com a coroa de louros, de papelão, da impecabilidade os dançantes da siringe.

Te consome, meu pobre amigo, uma febre incessante, uma sede de oceanos insondáveis e sem ribeiras, uma fome de universos, e a saudade da eternidade. Você sofre de razão. E não sabe o que quer. E agora, agora você quer ir ao sepulcro do Cavaleiro da Loucura e se desfazer ali em lágrimas, quer se consumir em febre, morrer de sede de oceanos, de fome de universos, de saudade da eternidade.

Que te ponhas em marcha, sozinho. Todos os outros solitários irão ao teu lado, ainda que você não os veja. Cada um acreditará ir só, mas vocês formarão batalhão sagrado: o batalhão da santa e inacabável cruzada.

Você não sabe bem, meu bom amigo, como todos os solitários, sem se conhecer, sem se olharem às caras, sem saber os nomes uns dos outros, se dão as mãos, se felicitam mutuamente, se bombardeiam e se denigrem, murmuram entre si e cada um vai para o seu lado. E fogem do sepulcro.

Você não pertence ao cortiço, e sim ao batalhão dos cruzados livres. Por que você se assoma aos tapumes do cortiço para ouvir o que nele se cacareja? Não, amigo, não! Quando passar por perto de um cortiço tampa o ouvido, descarrega a tua palavra e segue adiante, a caminho do sepulcro. E que nessa palavra vibrem toda tua sede, toda tua fome, toda tua saudade, todo teu amor.

Se você quiser viver deles, viva para eles. Mas, então, meu amigo, você estará morto.

Lembro-me daquela dolorosa carta que você me escreveu quando estavas a ponto de sucumbir, de derrogar, de entrar na confraria. Então vi como te pesava tua solidão, essa solidão que deve ser teu consolo e tua fortaleza.

Você chegou ao mais terrível, ao mais desolador; você chegou à beira do precipício de tua perdição: você chegou a duvidar da tua solidão, você chegou a crer que estava em companhia. Não será – você me dizia – uma mera cisma, um fruto da empáfia, da petulância, talvez da loucura, isso de achar que estou só? Porque eu, quando me tranquilizo, me vejo acompanhado, e recebo cordiais apertos de mão, vozes de ânimo, palavras de simpatia, todo tipo de mostras de não me encontrar sozinho, nem muito menos.

E por aqui você continuava. E te vi enganado e perdido, te vi fugindo do sepulcro.

Não, você não se engana nos acessos de tua febre, nas agonias da tua sede, nas angústias de tua fome; você está só, eternamente só. Não só são mordiscos os mordiscos que como tais você sente; o são também os que são como beijos⁴. Os que te aplaudem te vão, querem te deter em tua marcha ao sepulcro os que gritam: adiante! Tape os ouvidos. E antes de tudo cure-se de uma doença terrível que, por muito que você a sacuda, ela volta com teimosia de mosca: cure-se da doença de se preocupar em como você se apresenta diante dos demais. Cuide-se só de como você se apresenta diante de Deus, cuide-se da ideia que Deus tenha de você.

Você está só, muito mais só do que parece, e ainda assim você está apenas a caminho da absoluta, da completa, da verdadeira solidão. A absoluta, a completa, a verdadeira solidão consiste em não estar nem consigo mesmo. E você não estará de verdade completa e absolutamente só até que não te despojes de ti mesmo, à beira do sepulcro. Santa solidão!

Tudo isso disse a meu amigo, e ele me respondeu, numa longa carta, cheia de um furioso desalento, com estas palavras:

*Tudo isso que você me diz está bem, muito bem, não está mal; mas não te parece que em vez de ir buscar o sepulcro de Dom Quixote e resgatá-lo de bacharéis, padres, barbeiros, cônegos e duques, devíamos ir buscar o sepulcro de Deus e resgatá-lo de crentes e incrédulos, de ateus e deístas, que o ocupam, e esperar ali, lançando vozes de desespero supremo, derretendo o coração em lágrimas, para que Deus ressuscite e nos salve do nada?*⁵.

4] Como no aforismo nietzscheano: “Se treinamos nossa consciência, ela beija enquanto nos morde”. No original alemão: Wenn man sein Gewissen dressiert, so kusst, es un zugleich, indem es beisst. Em: F. Nietzsche. Além do Bem e do Mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 72. Trad. Paulo César de Souza. (N. do T.)

5] Esta tradução serviu de base para a adaptação do texto unamuniano em O Sepulcro de Dom Quixote (de Miguel de Unamuno), leitura dramática realizada pelo brincante e ator Luís Felipe Gebrim, com direção de Fernando Villar, no dia 11/12/2013 no Auditório do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pelo Projeto Quartas Dramáticas - Coordenado pelo Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior. (N. do Trad.)